

# Relatos de percepções e sentimentos de pais e filhos sobre iniciação sexual

Celine Luciana Thomé\*

Deise Hensel\*\*

## Resumo

Estudou-se a percepção sobre dificuldades informativas e comunicativas em conversas a respeito da sexualidade em famílias com filhos adolescentes, entrevistando-se três mães e seus filhos pertencentes à faixa etária de 15 a 17 anos. Para análise, usou-se o método fenomenológico no qual se interpretou que as mães se encontravam confusas em relação aos valores relacionados à sexualidade de seus filhos adolescentes e também ao seu papel como educadoras sexuais. Na maioria das vezes, a comunicação sempre acontecia apesar de as mães passarem pela resignificação de suas experiências sexuais e de que em todos os casos elas não tiveram a orientação de seus pais; todavia, decidiram ser diferentes e orientar seus filhos sexualmente. Já para os filhos, eles acreditam que em razão das mães terem iniciado as conversas quanto à iniciação sexual, estas foram realizadas com mais vigor, considerando que em quase todos os casos as mães eram a preferência para se tratar desses assuntos.

Palavras-chave: Comunicação. Relacionamento entre pais e filhos. Iniciação sexual. Sexualidade e DSTs.

## 1 INTRODUÇÃO

“Sexo foi, é, e sempre será uma questão social, sem deixar de ser também uma questão individual”.

M. Amélia<sup>1</sup>

A maioria dos trabalhos científicos sobre sexo foi feita nos últimos 30 anos. Até no século passado, mesmo os médicos eram proibidos de examinar as partes genitais da mulher, a não ser por meio do tato debaixo de pesados véus. Estudavam-se os órgãos de reprodução, mas o estudo da relação sexual, do orgasmo por exemplo, ocorreu somente mais tarde. Até os anos 1960, não se sabia exatamente como os órgãos sexuais reagiam ao prazer. Nessa época, o aparecimento da pílula anticoncepcional, a necessidade da mulher de trabalhar fora de casa e querer direitos iguais aos dos homens, provocaram uma verdadeira revolução do modo de encarar o sexo.

Ainda hoje se busca um equilíbrio entre a proibição e a promiscuidade. “Ser liberado sexualmente não significa transar com quem pintar”. Ser liberado é ter condições de escolher com quem, como, quando e aonde se quer ter uma relação sexual. É viver a própria sexualidade com alegria, prazer, e responsabilidade, mesmo que tenhamos um pouco de medo, culpa ou outros sentimentos muito comuns.

\* Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), *Campus* de São Miguel do Oeste; celine\_thome@yahoo.com.br

\*\* Acadêmica do Curso de Psicologia, da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), *Campus* de São Miguel do Oeste; deisehensel@yahoo.com.br

Um das questões primordiais da adolescência são as transformações corporais, que fazem parte principalmente da sua fase inicial. A partir disso, Outeiral (1994) coloca que, na adolescência, o indivíduo se vê obrigado a assistir e sofrer passivamente toda uma série de transformações que se operam em seu corpo, e, por conseguinte, em seu ego. Nesse momento de evolução, o adolescente tem a perda de seu corpo infantil, com um pensamento infantil e um corpo se transformando em adulto, um corpo o qual teme, desconhece e deseja, e que percebe aos poucos que era isso que idealizava quando adulto.

O objetivo deste artigo é investigar o poder comunicativo de informações a respeito da sexualidade na constituição de sentido da experiência consciente do ato sexual de filhos adolescentes.

Friedenberg (1966) vê a adolescência desaparecendo como uma fase distinta de ciclo vital, e acredita que o processo de autodefinição adolescente está se tornando obsoleto, enquanto Keniston (1966) prediz que a juventude, progressivamente, terá uma cultura especial, com características peculiares não encontradas na infância e na fase adulta. Também destaca as diferenças que percebe entre a cultura da juventude e dos adultos como meios de propiciar uma oportunidade para a experimentação a serviço da escolha inconsciente, das opções seguras e dos compromissos a título de experiência, no interesse da futura autodefinição.

Os jovens são solicitados a participarem de experiências sociais. Durante a puberdade, experimentam forte impulso para obter a aprovação de seus companheiros. Suas atitudes são influenciadas por mudanças internas e estímulos sociais externos. Algumas vezes, parecem perder o controle de seu comportamento, em sua ansiedade de expressá-lo (CAMPOS, 1975).

Aberastury (1990) ainda coloca que:

A adolescência é o momento mais difícil da vida do homem, e necessita uma liberdade adequada, com a segurança de normas que sigam ajudando-o adaptar-se sem entrar em conflitos graves com o seu ambiente e sociedade. O adolescente busca diferenciar-se do adulto e em sua luta por adquirir uma identidade elege às vezes caminhos distorcidos, como a toxicomania, a liberdade sexual exibicionista, os cabelos comprimidos ou outras formas de protesto contra os enganos e armadilhas da sociedade adulta.

Moreira (2008) destaca que a adolescência é conhecida como uma fase de crise e mudanças, em que mudanças corporais e questões referentes à sexualidade passam a ter maior importância na vida do adolescente. Durante essa fase, o apoio da família desempenha papel fundamental no conhecimento e enfrentamento das situações vigentes. Todavia, as questões referentes à sexualidade e ao sexo aparecem como um dos assuntos mais importantes e problemáticos nas conversas entre pais e filhos.

Os adolescentes, nesse período, buscam e experimentam muitas coisas. Esse processo pode ser mais saudável e rico no crescimento pessoal, principalmente se os adolescentes tiverem com quem dividir suas angústias, medos e aflições, e se tiverem alguém que os oriente e limite, quando for necessário.

Para iniciar a vida sexual, o jovem precisa estar seguro e bem preparado para esse primeiro momento, uma vez que isso pode designar todo o restante da vida sexual. "Não existe uma idade para dar início à vida sexual. De um modo geral, podemos dizer que adolescentes masculinos ou femininos não estão preparados para iniciar-se sexualmente por volta de 14 ou 15 anos, o que na prática geralmente acontece. Para se ter uma "estréia" adequada deve-se antes procurar o ginecologista/urologista para informar-se melhor e buscar a prevenção correta." (LOPES, 2008).

Conforme Cecarello (2008)<sup>2</sup>, a informação traz o benefício de derrubar mitos e lendas criados se alimentados por muitos anos, quando se trata de sexualidade humana. Ela também afirma que "Mentiras em relação ao tamanho do pênis ainda ganham muita atenção tanto de homens quanto de mulheres. Há também muita desinformação como a primeira relação sangrar e doer, que só

sangra quem é virgem, que durante a gravidez ou no período em que a mulher está menstruada não se pode manter relações sexuais. São frases que eu escuto mais.”

Lopes (2008) afirma que, biologicamente, ambos têm o mesmo desejo sexual. Assim como ele, Bonança (2008) diz não haver um fator biológico que determine mais infidelidade e desejo sexual para os homens. “O estudo do gênero nos dá muita informação sobre isso. O homem, de alguma maneira, pela cultura, é incentivado a falar do sexo, tem o tema da competição, de quantas conquistas teve, o homem é incitado pela cultura a falar mais. Biologicamente não teria por que o homem pensar mais em sexo do que a mulher. Os dois podem desejar igual.” (BONANÇA, 2008).

Conforme o artigo *Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações*, para Araújo (2002):

Sexualidade é, pois, uma construção social que engloba o conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos e nas relações sociais. Ao longo da história, a atividade sexual sempre foi objeto de preocupação moral e, como tal, submetida a dispositivos de controle de práticas e comportamentos sexuais.

Para o adolescente, todas as informações são extremamente necessárias. É muito importante para ele poder contar com seus pais em momentos de transição de uma fase para outra, momentos importantes para todas as pessoas. O conhecimento de todas as informações possíveis favorece o seu entendimento, reafirma as suas impressões e ajuda sua inserção psicossocial na fase adulta (MELLO, 2009).

Porém, com as mudanças culturais e nos costumes e valores sexuais, os pais, muitas vezes, ficam em dúvida de como educar o filho da forma mais correta. “Alguns pais se tornam mais autoritários para não terem que enfrentar uma discussão e pôr em fala seus conflitos, enquanto os outros esquecem seu dever de educadores, não colocando nenhuma regra.” (SUPLICY, 1998, p. 36).

Conforme Souza, Costa e Lopes (1988), “A vivência da sexualidade na adolescência é como um caminho desconhecido. É necessário que o jovem seja orientado e tenha liberdade para entendê-la, pois desenvolver a sexualidade contribui para a formação da personalidade e para a expressão desta sexualidade quando for adulto.”

Para Maldonado (2004), muitos pais desconhecem o funcionamento dos órgãos reprodutores por nunca poderem falar sobre isso com alguém. Assim, acreditam que para falar a respeito desse assunto, existem somente especialistas. Alguns sentem vergonha de dizer que desconhecem o assunto sexualidade e procuram se informar. A maioria nunca conversou quanto a isso com seus próprios pais e se sente envergonhada em falar com seus filhos.

As conversas entre pais e filhos se tornam a cada dia mais importantes, pois todo adolescente, toda a pessoa, passa pela fase da iniciação sexual:

[...] alguns pais têm receio de que, ao conversar sobre sexo, estarão despertando os filhos para uma vida sexual. Ao contrário. A falta de informação, a ignorância que aumentam a curiosidade e empurram o jovem para aprender apenas através da experiência, nem sempre bem orientada e consciente. É importante que esses pais percebam que uma conversa, inclusive sobre as intimidades no namoro, vai orientar e diminuir a angústia do adolescente. (SUPLICY, 1998, p. 36).

Para que fosse possível identificar a conversação entre pais e filhos sobre a relação sexual, como ocorre, e se realmente existe essa conversação, foi aplicado aos participantes um questionário de fim aberto. Dessa forma, o estudo se caracteriza como uma pesquisa de campo, com análise fenomenológica, em que serão levantados dados qualitativos.

A pesquisa segue os seguintes objetivos: identificar como os pais abordam o tema de iniciação sexual com seus filhos adolescentes; averiguar as dificuldades que os pais possuem em falar a respeito da iniciação sexual com seus filhos adolescentes; verificar as estratégias utilizadas pelos pais para falarem sobre a iniciação sexual com seus filhos adolescentes; identificar o posicionamento dos

pais em relação à iniciação sexual de seus filhos adolescentes; identificar os sentimentos dos filhos quanto às conversas sobre sexualidade se caso acontecem; e verificar se os filhos estão satisfeitos com as orientações que receberam a respeito da iniciação sexual, bem como identificar se os pais estão preparados para repassar tais ensinamentos aos filhos.

Para esse estudo, foram entrevistadas, três mães, com seus respectivos filhos adolescentes; 2 eram do gênero feminino e 1 do gênero masculino, com idades de 15 a 17 anos.

## 2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DOS PAIS

As entrevistas foram analisadas de forma criteriosa, das quais emergiram as seguintes essências fenomenológicas por parte das mães: a importância das conversas sobre iniciação sexual; o papel de filha e mãe; o papel do pai; a gravidez na adolescência; a importância da prevenção; e, principal preocupação das mães.

Quando os filhos chegam à fase da adolescência, surge, na maioria das famílias, uma série de conflitos entre pais e filhos. Muitos pais não se conformam por terem perdido o "posto" de heróis insubstituíveis dos filhos, e não conseguem suportar o olhar crítico dos jovens, pois estes começam a enxergar os pais como pessoas com todos os defeitos e qualidades que lhes são próprios. Há pais que passam a controlar exageradamente a vida dos filhos, como se pudessem, com isso, voltar a tê-los como crianças. Muitos pais querem antecipar questões aos filhos para evitar sofrimentos futuros.

Algumas pessoas acham perigoso conversar porque acreditam que isso poderia levar o adolescente a iniciar sua vida sexual mais cedo. Uma pesquisa recente em escolas que tinham em seu currículo aulas sobre Educação Sexual, na Inglaterra, verificou que os alunos não tiveram iniciação sexual mais precoce do que outros. Na verdade, é muito mais provável que uma adolescente despreparada engravide, por exemplo, do que as suficientemente informadas a respeito da contracepção. "Eu acho ser fundamental conversar com a minha filha sobre a iniciação sexual, pois "eles fazem igual", então o melhor é prevenir eles para que quando chegarem a ter a sua primeira relação sexual estejam já bem cientes do que estão fazendo." (Mãe 2) (informação verbal).

Desde o início, existe uma intensa identificação entre mãe e filha, já que ambas compartilham características comuns ao sexo feminino e têm de lidar com problemas parecidos. Além disso, é natural as mulheres buscarem intimidade nos seus relacionamentos, por isso mãe e filha tendem a estabelecer uma ligação muito próxima (OLIVEIRA). A respeito disso, uma mãe comenta: "Eu senti muito a falta de informação no meu tempo, pois meus pais só diziam que tudo não podia e não explicavam o porquê de não poder e assim foi bem difícil para mim, pois engravidei aos 21 anos pois não estava orientada corretamente sobre prevenção. E só mais tarde então busquei em outras fontes, como por exemplo, conversas com amigas e televisão para então me informar mais sobre as doenças sexualmente transmissíveis e assim agora posso repassar tudo isso ao meu filho." (Mãe 3) (informação verbal).

O pai, tradicionalmente, é a figura que representa a lei, impõe respeito, que dita as ordens, coloca as regras, disciplina os filhos; é o que comenta umas das entrevistadas: "Essas conversas sobre iniciação sexual são mais ligadas a mim porque o pai é caminhoneiro e sempre tá pouco em casa para orientar a nossa filha sexualmente. E muitas vezes, quando o pai percebe alguma coisa, ele fala para mim repassar para ela. E por isso eu tenho mais esse contato com ela, até porque estou todo dia em casa, conseqüentemente mais próxima da nossa filha. Mas ainda algumas vezes sinto um pouco de dificuldade em educar minha filha, pois ela muitas vezes não aceita a minha opinião e acha que eu sou antiquada." (Mãe 2) (informação verbal).

A iniciação precoce em adolescentes tem sido motivo de preocupação, em decorrência da frequência desse comportamento com o desconhecimento em relação à anticoncepção e saúde reprodutiva.

### 3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DOS FILHOS

As essências encontradas nas entrevistas com os filhos são: a importância das conversas; a importância da mãe; a importância do pai; as relações com as amigas; preparação para a iniciação sexual; prevenção na iniciação sexual; e relação sexual e compromissos.

Mais que informar, é imprescindível educar os filhos, de forma permanente para uma prática sexual segura, saudável, responsável e feliz. Tratar a questão com naturalidade ajuda, no entanto, os pais somente devem assumir posições modernas e liberais se realmente acreditarem nelas. E, conseqüentemente, os filhos se sentem mais seguros, como vemos a seguir: "Para mim, foi bem mais fácil falar desse assunto de iniciação sexual com meus pais, pois estes deram a abertura que eu precisava e buscava ao mesmo tempo, e como foi a mãe que iniciou as conversas, foi mais fácil para mim falar e ao mesmo tempo ouvir os conselhos dela, que sempre falava e orientava sobre a sua vida sexual. (Filho 3) (informação verbal).

Já em alguns casos, os filhos preferem falar a respeito da iniciação sexual com outras pessoas: "Acho que falar sobre sexualidade e sobre sua iniciação sexual sempre foi mais fácil conversar com as minhas amigas, pois sinto muita vergonha ao falar com a mãe sobre esse assunto, todas as vezes que a mãe perguntava eu respondia e compreendia tudo, mas se fosse por mim iniciar uma conversa, eu acho ser muito mais difícil. (Filha 2) (informação verbal).

Desde o início, existe uma intensa identificação entre mãe e filha, já que ambas compartilham características comuns ao sexo feminino e têm de lidar com problemas parecidos. A amizade entre elas costuma ser bem explícita, pois as mulheres gostam de conversar e expressar seus sentimentos, o que facilita a aproximação e o diálogo.

Nada é capaz de diminuir a importância da mãe na vida da sua filha. "A mãe é modelo de mulher, de feminino, de companheira, de profissional, de afeto, enfim, é uma referência para que cada filha construa sua própria identidade, com diferenças e semelhanças. É um ser que, quando acolhe, assegura a ela a sensação de ser amada, de ser querida, de ser especial, como se vê no exemplo a seguir: "Que nem assim sempre foi mais fácil para mim conversar com a mãe do que com o pai, isso é, acho que isso é bem evidente assim, porque da mãe assim né, sempre fui mais próxima da mãe nesses assuntos do que com o pai, até é mais fácil que nem a mãe entende mais fácil, até porque, que nem, quando tu tens a primeira menstruação, a primeira coisa que tu falas é para mãe, e não é pro pai né. Sim... E, e daí acho que, que nem com os meninos, justamente já é mais com os pais daí, né e se bem que têm muitos meninos que preferem falar com a mãe também né." (Filha 1) (informação verbal).

Os adolescentes costumam relatar o primeiro contato sexual para um amigo em razão da falta de cobranças. Os pais escutam as novidades e instantaneamente acrescentam as broncas. "Foi bem melhor que a mãe tomou a iniciativa de falar sobre esses assuntos, pois se fosse por mim, não falaria tão cedo, antes contaria para os amigos e não falaria para a mãe pois tenho vergonha." (Filho 3) (informação verbal).

Segundo Costa e Souza (2002), a iniciação sexual carrega consigo muitas expectativas quanto ao desempenho, às emoções, às fantasias e à afetividade, entre outras. Os motivos são desde pressão de companheiro, rebeldia, insegurança, medo de perder o namorado, vingança da família, desejo de ser aceito pelo grupo, desejo de se sentir mulher, curiosidade, etc. Por outro lado, existem adolescentes que acreditam que a experiência vale mais do que mil palavras, e que não é preciso orientações, pois isso somente se aprende com o tempo.

Um início precoce de atividades sexuais coloca os adolescentes, especialmente as mulheres, em risco elevado de gravidez indesejada, infecção por HIV ou outras DSTs, e ainda de outras consequências sociais e psicológicas negativas. (O'DONNELL; O'DONNELL; STUEVE, 2002). Os adolescentes precisam saber que se optam por iniciar uma vida sexual ativa, essa decisão traz também, além do prazer, grandes responsabilidades. Assim, a mocinha deve estar perfeitamente ciente das formas de contracepção, dos riscos de contrair AIDS e outras doenças, bem como da possibilidade de engravidar.

Os jovens falam muito em liberdade, o que eles já têm. Querendo ou não, não se pode deixar de dizer a eles que a liberdade vai até aonde começa a do outro, que pode ser inclusive essa nova vida (ZAGURY; ZALUAR, 2000).

#### 4 CONCLUSÃO

Uma das grandes preocupações dos pais ao longo do tempo, sempre foi a vida sexual de seus filhos. Esta não é, como muitos afirmam, uma preocupação moderna. É algo que preocupa os pais desde sempre, mas até algumas décadas esse assunto era resolvido com grande dose de repressão, mantendo as crianças e jovens no desconhecimento, na ignorância, por vezes total a respeito do assunto. Os pais não conversavam com os filhos em relação à sexualidade, os quais tratavam de se informar do modo que conseguiam: lendo escondidos livros e revistas que encontravam, conversando com os amigos, com irmãos mais velhos, etc. Uma vasta rede de informações, muitas vezes com dados incorretos e fantasiosos, que sempre funcionou no sentido de suprir essa necessidade básica (ZAGURY; ZALUAR, 2000).

Há basicamente dois tipos de pais: os que conversam sobre tudo, abrem o jogo e se sentem confortáveis ao abordarem assuntos como sexo, aborto, homossexualismo e gravidez; e aqueles que por não se sentirem bem ou por não acharem conveniente, consideram esses tópicos fora de questão, não havendo, portanto, nenhum tipo de diálogo quanto a isso. O ideal seria que todos os pais tivessem liberdade consigo próprios para poderem transmitir essas informações fundamentais aos filhos; mas, quando não é o caso, melhor é reconhecer isso e buscar outras soluções, porque não há nada pior do que falar algo que não se sabe ou que se aborda de forma timidamente ou exagerada, passando ao interlocutor seus próprios temores. Fornecer aos filhos bons livros e artigos sobre o tema é uma forma interessante de contornar essa timidez, desde que isso seja feito na hora em que o jovem demonstra interesse no assunto, e não como uma obrigação ou uma aula de didática ou de biologia (ZAGURY; ZALUAR, 2000).

É muito importante que os pais modernos e interessados no bem-estar dos filhos entendam que a adolescência é o exato momento em que há o despertar natural pelo sexo, faz parte da idade e da vida.

Então, a partir dos resultados desta pesquisa, observou-se que existem conversas entre pais e filhos, considerando que alguns aspectos se destacaram na análise das entrevistas, como a experiência sexual dos pais e ressignificada a partir de suas percepções das vivências dos filhos, e a experiência comunicativa dos pais com seus próprios pais não interferiu muito na forma com quem eles educavam seus filhos; que na maioria das vezes queriam "fazer diferente". Observou-se que, embora as orientações a respeito da sexualidade sejam papel dos pais, na maioria dos casos, isso fica sob função apenas da mãe, por ter mais proximidade ao filho, indiferente do gênero. E, em quase todos os casos, as mães conseguiam orientar os filhos, e em outros casos estavam cientes de que é fundamental falar sobre esse assunto com os filhos, para que quando iniciarem sua vida sexual estejam mais preparados. No caso dos filhos, na maioria das vezes, também se mostram muito mais à vontade e confiantes por terem essas conversas com as mães. Observou-se, também, que nas entrevistas que foram feitas juntas (mãe e filha), a relação para falar quanto à iniciação

sexual era bem aberta; tanto a mãe quanto a filha destacaram a importância de ter essas conversas na família.

Ressalta-se contudo, que os resultados aqui apresentados se baseiam na análise de um número restrito de casos que constituíram a amostra desta pesquisa. Nesse sentido, novos estudos com características socioeconômicas-culturais diferenciadas precisam ser realizadas. Cabe lembrar também, que essa pesquisa constituiu uma introdução ao estudo da comunicação entre pais e filhos a respeito da sexualidade no ambiente familiar. Também se faz necessário uma investigação mais aprofundada sobre a relação existente entre a sexualidade dos próprios pais e o tipo de comunicação que estabelecem com filhos e filhas, aspecto que se revelou importante e não foi explorado em detalhe neste estudo, como a influência da estrutura familiar sobre o desenvolvimento da sexualidade dos jovens e a sua relação com o uso de contraceptivos, também pouco destacado, mas de suma importância.

### ***Reports of perceptions and feelings of parents and children sexual initiation***

#### *Abstract*

*We studied the perception of informative and communicative difficulties in conversation about sexuality in families with teenagers. Three mothers and their children belonging to the age group of 15 to 17 years old were interviewed. For analysis we used the phenomenological method by which we interpreted that the mothers were confused about values related to the teenagers' sexuality and also about their role as a sexual educator. Most of times the communication normally happened despite the mothers going through their sexual experiences again, and even though in all cases they didn't have their parents' orientation in the past, however they decided to be different and orient their children sexually. By the children's side they believe that as the mothers had started the conversations about sexual initiation these ones were done with more vigor, and in nearly all cases the mothers were the preference to discuss these subjects.*

*Keywords: Communication. Relationship between parents and children. Sexual initiation. Sexuality and DSTs.*

#### Notas explicativas

<sup>1</sup> Palestra com a Psicóloga Mary Neide de Figueiro no dia 12 de setembro de 2009.

<sup>2</sup> Carla Cecarello é presidente da Associação Brasileira de Sexualidade e coordenadora do projeto Ambulatório da Sexualidade (Ambsex).

### **REFERÊNCIAS**

ABERASTURY, Arminda; CABRAL, Ruth. **Adolescência**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 246 p.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, DF, v. 22, n. 2, p. 6-7, jun. 2002.

BONANÇA, Paulo. **Como falar de sexualidade com meu filho?** Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/soapbox/article.php?articleID=15>>. Acesso em: 8 nov. 2009.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da adolescência**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 157 p.

COSTA, Maria Conceição O.; SOUZA, Ronald Pagnocelli de. **Adolescência**: aspectos clínicos e psicossociais. São Paulo: Artmed, 2002.

MALDONADO, Maria Tereza Pereira. **Comunicação entre pais e filhos**: a linguagem do sentir. 27. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. 167 p.

MOREIRA, Márcio Borges. **Influência do diálogo sobre sexualidade entre pais e Filhos**. Disponível em: <[http://revistapsi.iesb.br/index.php?view=article&id=90%3Ainfluencia-do-dialogo-sobre-sexualidade-entre-pais-e-filhos-&option=com\\_content&Itemid=58](http://revistapsi.iesb.br/index.php?view=article&id=90%3Ainfluencia-do-dialogo-sobre-sexualidade-entre-pais-e-filhos-&option=com_content&Itemid=58)>. Acesso em: 8 nov. 2009.

SUPLICY, Marta. **Sexo para adolescentes**: amor, puberdade, masturbação, homossexualidade, anticoncepção, DST/AIDS, drogas. Ed. atualizada. São Paulo: [s. n.], 1998.

ZAGURY, Tania; ZALUAR, Alba. **O adolescente por ele mesmo**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. 277 p.